

Meu caro amigo Milton, esta carta hors serie se veut une continuation du thème: modelo do mundo. Por razões que ignoro perdemos o filme de Antonioni sobre a China na ocasião, (72), e assistimos ontem. Você viu? Pois há, atualmente, dois modelos principais, (não digo do "mundo"), mas da sociedade: o de consumo e o socialista. E o primeiro está realizado mais evidentemente nos Estados Unidos, o segundo na China. O primeiro está sendo copiado em toda parte exceto na China, embora a maioria pretenda não querer copiá-lo. É isto a famigerada "americanização" da humanidade. Não é "americanização", mas aplicação do modelo da sociedade de consumo. O segundo foi aplicado na Rússia depois da Revolução de outubro, e em grande parte da Europa, Ásia e África depois da Segunda Guerra, mas com resultado contrário: na aplicação mudou de estrutura, e isto é a tragédia do século 20. É claro que a aplicação desastrosa de um modelo não o invalida; o erro pode ser o da aplicação, não o do modelo. Mas a "fé" no modelo socialista indubitavelmente diminuiu no mundo depois do desastre russo. Pois renasceu com sua aplicação na China, e lá parece estar realmente funcionando. O filme de Antonioni mostra como. E para mim isto foi demonstração terrível. Precisamente porque o modelo funciona, e porque o filme o mostra, minha fé nele, que sobreviveu o desastre russo mal e mal, periclitava agora.

Resumo: as multidões chinesas, (quase tão "teeming" quanto o são as hindús, egípcias e paulistas, mas mais bem estruturadas), são sorridentes, bem vestidas, bem nutridas, debentamente abrigadas, universalmente instruídas, higiênicamente bem cuidadas, em soma "Felizes". Trabalham duro, mas têm muito lazer, (esporte e ginástica coletivos, marcham, cantam, "discutem", lêem e escrevem jornais de parede, vêm teatros de marionetes e circos, e sobretudo fazem taijchi ou coisa parecida de manhã e à noite). Não há problema de transporte urbano, (tudo mundo tem bicicleta), nem interurbano, (os canais levam a toda parte e todo mundo tem alguma forma de barco) Não há poluição, não há favela, não há, e não há, coisa insuportável, violência, assaltos ou bandos na rua. (Vimos anteontem um filme sobre Harlem!). Não há motivação econômica, (ninguém pede nem quer ficar rico), não há motivação social, (não há classes), nem aparentemente sexual, (não se vê casais de namorados), nem intelectual, (os "estudantes" e os "soldados" são operários e camponeses em farda). A motivação é: construir o socialismo, combater o capitalismo e o revisionismo, eradicar o budismo e o confucionismo, liquidar os "Khruchchev chineses". Em soma: Todos são membros de equipes bem "motivadas", desde a idade de dois anos até de 90 anos, marcham, cantam, trabalham, comem, amam e odeiam juntos, e gostam disto.

Pois isto é terrível. Não por se manifestar na forma de Kitsch inacreditável; as faces das fotografias omnipresentes de Marx e Engels são vermelhinhas de tanta saúde, e os botões plásticos com a effigie de Mao em todos os ombros são radiantes. Nem por ser tão contrário a tudo que consideramos, nós os burguezes ocidentais, como sintoma de felicidade

ocidentais, como sintoma de felicidade; a liberdade de pensar, agir e sor-  
ver de acôrdo com a prôpria "vocaçãõ", (coisa que você, no teu artigo, des-  
preza ao chamá-la "doce vida", e não compreende porque você o despreza); a  
razão pela qual a China é terrível não é nem estética nem ética, mas exis-  
tencial; é a demonstração do absurdo da condição humana. Os chineses são  
felizes porque podem plantar xuxú, e porque podem colhé-lo, e comê-lo, e  
geri-lo, e utilizar as fezes como adubos na plantaçãõ de xuxú no ano vind-  
ro. São felizes porque não pretendem nada além do ciclo do eterno retorno  
já que ele nele que se realizam.

Pois comparada com tal felicidade não importa que meta externa,  
ao simples viver-se parece nobre. Não apenas metas como as da sociedade  
mericana; ser o centro das ciências, artes, das decisões econômicas, políti-  
cas e sociais, das transformações ecológicas, do progresso técnico etc. Ne-  
as metas mais modestas soviéticas; conquistar o cosmos, fazer a revolução  
mundial, libertar os povos oprimidos. Nem as metas europeias; conservar a  
dignidade, a medida e a liberdade da vida humana. Nem sequer metas tão ri-  
dículas como a dos árabes, (restabelecer o Islam), dos benguela, (a negri-  
tude), dos japonezes, (sintetizar o Oriente com o Ocidente). Qualquer me-  
ta externa é melhor que nenhuma. De repente compreendi o porque das Pirâmi-  
des, e dos dolmens em Stonehenge; mascarar o absurdo da existência humana.  
Negar a morte. A China é terrível porque não mascara a morte; ninguém de-  
seja outra coisa que viver junto com os outros.

Isto implica que não há aparentemente brigas, desentendimentos,  
conflitos entre os homens. Tôdos os ódios são despersonalizados. O chine-  
individual é gentil e meigo, porque odeia coletivamente a clique de Shanhe  
o capitalismo, o revisionismo, e o imperialismo. E isto implica também qu  
não há problemas psicológicos ou religiosos que não possam ser resolvidos  
com um jôgo de baralho ou com acupuntura; o mundo é maniqueisticamente di-  
vidido entre os totalmente bons, (inclusiva a prôpria gente), e os totalme-  
te, diabôlicamente ruins, e a questão do perché da maldade não se coloca;  
é um dado que a maldade existe. Também não há dúvidas, já que não há opçã  
entre a bondade e a maldade.

Não sei o quanto isto se deve ao modelo socialista. Marx não  
tinha previsto isto. Pensou que em sociedade socialista o motivo econômico  
será substituído pelo motivo artístico, (o "lúdico" para falar marxistice-  
mente). Talvez o fato de não haver gregos, judeus, portanto cristãos e hu-  
manistas da China explique o terror que dela emana para um observador do  
Ocidente. Em tôdo caso; os erros russos foram evitados. O motivo econômi-  
co e social foi efetivamente eliminado. Não se visa "progresso" mas "rev-  
luçãõ permanente", portanto o "nôvo homem". Neste sentido o modelo está  
realizado, e isto é o terrível. Que isto seja contribuição para o teu ar-  
tigo. NB; a China pode ser, ai de mim, modelo para resolver os problemas  
do tipo brasileiro.